

1

Palavra e testemunho

A nobreza da pregação

O pregador inglês Ian Tait zomba de quem estuda a Bíblia somente para adquirir mais informações, crendo que sua mente esteja se desenvolvendo quando, de fato, apenas seus ouvidos estão inchando. Conhecer simplesmente por amor ao conhecimento “ensoberbece” (1Co 8.1). As riquezas da Palavra de Deus não são tesouros privativos de ninguém, e quando compartilhamos esses valores estamos participando de seus mais elevados propósitos. Esta é a razão pela qual Robert G. Rayburn ensinou, por mais de um quarto de século, aos estudantes seminaristas: “Cristo é o único Rei dos seus estudos, mas a rainha é a homilética”.¹ Quer sejam seus estudos num seminário, num instituto bíblico ou num programa de leitura particular, serão melhor recompensados quando você visualiza a maneira como cada elemento o prepara para pregar com precisão e autoridade. Cada disciplina bíblica atinge o propósito mais elevado quando a usamos não simplesmente para dilatar nossa mente, mas para propagar o evangelho.

Elevar a pregação a um pedestal tão sublime pode intimidar até mesmo o mais leal estudante da Escritura. Provavelmente, nenhum pregador cuidadoso tenha incorrido em erro ao questionar se a tarefa é maior do que o servo. Quando encaramos pessoas reais dotadas de uma alma eterna, equilibrando-se entre o céu e o inferno, a nobreza da pregação nos amedronta mesmo quando revela nossa insuficiência.

Sabemos serem insuficientes nossas habilidades para uma tarefa de tão amplas consequências. Reconhecemos que nosso coração não é puro o bastante para guiar outros à santidade. Uma honesta avaliação de nossa perícia inevitavelmente nos leva à conclusão de que não temos eloquência ou sabedoria capazes de levar as pessoas da morte para a vida. Esta pode ser a causa

1. Robert G. Rayburn foi o presidente fundador do Covenant Theological Seminary, e seu primeiro professor de homilética de 1956-1984. Citação de suas notas de classe, não publicadas.

de jovens pregadores fugirem de sua primeira pregação, imposta como tarefa que precisa ser cumprida, e ainda de experimentados pastores sentirem-se desalentados quando no púlpito.

O poder na Palavra

Em face das dúvidas relativas à eficiência pessoal numa época em que se questiona a validade da pregação² precisamos de uma lembrança do desígnio de Deus para a transformação espiritual do ser humano. No final das contas, a pregação cumpre seus objetivos espirituais não por causa das habilidades do pregador, mas por causa do poder da Escritura proclamada. Os pregadores exercerão seu ministério com grande zelo, confiança e liberdade quando compreenderem que Deus retirou de suas costas as artimanhas da manipulação espiritual. Deus não está confiando em nossa destreza para a realização dos seus propósitos. Por certo, Deus pode usar a eloquência e deseja esforços adequados à importância do assunto em questão, porém sua própria Palavra cumpre o programa de salvação e santificação. Os esforços pessoais dos maiores pregadores são ainda demasiado fracos e manchados pelo pecado para serem responsáveis pelo destino eterno das pessoas. Por essa razão, Deus infunde sua Palavra com poder espiritual. A eficácia da mensagem, mais que qualquer virtude do mensageiro, transforma corações.

O poder de Deus inerente à Palavra

Não podemos saber precisamente como a verdade de Deus transforma vidas, mas devemos discernir a dinâmica que nos dá esperança em nossa própria pregação. A Bíblia torna isto claro – que a Palavra não é somente poderosa, ela é inigualável. A palavra de Deus:

Cria: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz” (Gn 1.3). “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou e tudo passou a existir” (Sl 33.9).

Controla: “Ele envia as suas ordens à terra, e sua palavra corre velozmente;

2. David L. Larsen, *The Anatomy of Preaching: Identifying the Issues in Preaching Today* (Grand Rapids: Baker, 1989), 11-12; Byron Val Johnson, “A Media Selection Model for Use with a Homiletical Taxonomy” (Diss. de doutorado, Southern Illinois University at Carbondale, 1982), 215.

dá a neve como lã e espalha a geada como cinza. Ele arroja o seu gelo em migalhas... Manda sua palavra e o derrete” (Sl 147.15-18).

Persuade: “... mas aquele em quem está a minha palavra fale a minha palavra com verdade (...) diz o Senhor. Não é a minha palavra fogo, diz o Senhor, e martelo que esmiúça a penha?” (Jr 23.28-29).

Cumpra seus propósitos: “Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que reguem a terra... assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a designei” (Is 55.10-11).

Anula os motivos humanos: Na prisão, o apóstolo Paulo se regozijava, porque quando outros pregavam a Palavra, “... quer por pretexto, quer por verdade”, a obra de Deus seguia adiante (Fp 1.18).

A descrição da Escritura acerca da sua potência desafia-nos a lembrar sempre que a Palavra pregada, antes mesmo da pregação, cumpre os propósitos do céu. Pregação que é fiel à Escritura converte, convence e amolda o espírito de homens e mulheres, pois ela apresenta o instrumento da compulsão divina, e não que pregadores tenham em si mesmos qualquer poder transformador.

O poder da Palavra manifestado em Cristo

Deus manifesta plenamente o poder dinâmico da Palavra do Novo Testamento ao identificar seu Filho como o divino *Logos*, ou Palavra (Jo 1.1). Por meio da identificação do seu Filho como sua Palavra, Deus revela que a mensagem do Filho e a pessoa do Filho são inseparáveis. A palavra o incorpora. Isso não quer dizer que as letras e o papel da Bíblia são divinos, mas que as verdades que a Escritura sustenta são veículos de Deus, de sua própria atividade espiritual.

A Palavra de Deus é poderosa porque ele está presente nela e opera por meio dela. Por meio de Jesus “todas as coisas foram feitas” (Jo 1.3) e ele continua “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3). A Palavra emprega sua palavra para levar a cabo todos os seus desígnios.

O poder redentor de Cristo e o poder da sua Palavra unem-se ao Novo Testamento com *Logos* (a encarnação de Deus) e *logos* (a mensagem acerca de

Deus), tornando-se termos tão reflexivos como que para formar uma identidade conceptual. Da mesma forma como a obra da criação procede da Palavra que Deus articula, assim também a obra da nova criação (i.é, redenção) nos vem pela Palavra viva de Deus. Tiago afirma: “ele [i.é, o Pai] nos gerou pela palavra da verdade” (Tg 1.18). A expressão *palavra da verdade* se aplica como um trocadilho que reflete a mensagem sobre a salvação e o único que opera o novo nascimento. O mesmo jogo de palavras é empregado por Pedro: “pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus” (1Pe 1.23). Nessas passagens, a mensagem acerca de Jesus e o próprio Cristo se harmonizam. Ambos são a “viva e eterna Palavra de Deus”, pela qual nascemos de novo.

Assim, não é algo meramente prosaico insistir que o pregador deve servir ao texto,³ pois, se a Palavra é a presença mediadora de Cristo, o serviço é necessário. Paulo instrui corretamente o jovem pastor Timóteo a ser um obreiro “que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15), pois a Palavra de Deus é “viva e eficaz” (Hb 4.12a). A verdade da Escritura não é objeto passivo para nossa investigação e apresentação. A Palavra nos examina. Ela “é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4.12c). Cristo permanece ativo em sua Palavra, levando a efeito tarefas divinas que o apresentador da Palavra não tem o direito ou a capacidade pessoal de assumir.

Essas perspectivas sobre a Palavra de Deus culminam no ministério do apóstolo Paulo. O estudioso missionário que não se tornou conhecido pela habilidade no púlpito, no entanto, escreveu: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16). Como os estudantes do grego elementar logo aprendem, a palavra “poder” nesse versículo é *dunamis*, da qual nos vem o termo *dinamite* em português. A força do evangelho transcende o poder do pregador. Paulo, em suas habilidosas comunicações, prega sem envergonhar-se, pois a Palavra que ele anuncia quebra a dureza do coração humano de tal forma que nenhum progresso técnico pode competir com ela.

De certo modo, o processo como um todo parece ridículo. Pensar que o destino eterno sofrerá mudança só porque anunciamos conceitos de um texto antigo desafia o bom senso. Quando Paulo elogia a loucura da pregação – não pregação louca –, ele reconhece a aparente insensatez de tentar transformar atitudes, estilos de vida, perspectivas filosóficas e compromissos de fé, com meras palavras (veja 1Co 1.21). No entanto, a pregação persiste e o evangelho

3. Herbert H. Farmer, *The Servant of the Word* (Nova York: Scribner, 1942), 16,17.

se expande porque Deus confere aos débeis esforços humanos a força de sua própria Palavra.

A cada ano repito aos novos estudantes do seminário sobre uma ocasião em que a realidade do poder da Palavra atingiu-me com força excepcional. A obra do Senhor dominou-me quando entrei na classe de novos membros da igreja. Sentadas juntas na primeira fileira estavam três jovens mulheres – todas primas. Embora estas tivessem se comprometido a ir, o fato de estarem ali me surpreendeu.

No ano anterior, cada uma delas, com sérios problemas, havia buscado a nossa igreja à procura de socorro. Tomei conhecimento da situação da primeira depois que, frustrada, deixou o marido por causa do alcoolismo dele. Era ele um membro ocasional da igreja e não escondia seu desinteresse por “religião”, mas com o abandono da esposa ele buscou nossa ajuda. Afirmou que faria qualquer coisa para tê-la de volta. Vieram juntos para o aconselhamento. Ele tratou da embriaguês. Reconciliaram-se, e agora ela desejava fazer parte da nossa família da fé.

A segunda prima tinha também abandonado o casamento antes que viesse pedir auxílio por sugestão da primeira. Tinha sido vítima de abusos do marido, e procurou consolo na companhia de outro homem. Embora não tivéssemos alcançado nenhum desses dois homens, nosso ministério voltado para essa mulher aqueceu o seu coração diante de Deus. Mesmo depois de o marido ter-se juntado com outra mulher, ela deixou seu amante, submetendo sua vida à vontade de Deus.

A última das primas era também casada, mas trabalhava como vendedora viajante e vivia com vários homens, como se cada um deles fosse seu marido. Um acidente que feriu seu sobrinho levou nossa igreja para dentro de sua vida. Tendo testemunhado o cuidado dos crentes pela criança e por ela (a despeito de sua hostilidade inicial para conosco), descobriu um amor que seus envoltórios sexuais não poderiam fornecer. Agora ela também vinha para ser parte da família de Deus.

A presença dessas três primas na condição de membros de uma classe da Igreja era um milagre. Quão tolo seria pensar que meras palavras que eu tinha dito – algumas consoantes e vogais saídas da boca por uma pequena explosão de ar – poderiam ser responsáveis pela decisão que elas haviam tomado. Nenhuma soma de persuasão humana poderia transformá-las do egoísmo da busca do prazer ou o estilo de vida autodestrutivo, para um comprometimento eterno com Deus. Corações antes hostis à sua Palavra, agora sentiam necessidade de comunhão com ele.

Deus havia arrancado três almas de um redemoinho infernal de confusão familiar, traição conjugal e pecado pessoal. No entanto, por mais improváveis que esses acontecimentos pareçam ser, eles são prontamente explicados. O Senhor empregou sua verdade para mudar o coração delas. Nos termos da Escritura: “deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro, e aguardardes dos céus o seu Filho”, não devido a alguma habilidade do pregador, mas por causa do poder da Palavra (1Ts 1.9-10).

Quando os pregadores percebem o poder que a Palavra possui, a confiança em seu chamado cresce, da mesma forma como o orgulho em seu desempenho murcha. Não precisamos temer nossa ineficácia quando falamos das verdades que Deus revestiu de poder para a realização dos seus propósitos. Ao mesmo tempo, trabalhar como se nossos talentos fossem os responsáveis pela transformação espiritual, torna-nos semelhantes a um mensageiro que reivindica mérito por ter posto fim à guerra por haver ele entregue a declaração escrita de paz. O mensageiro tem uma nobre tarefa a realizar, mas porá em risco sua missão e depreciará o verdadeiro vitorioso se atribuir a si façanhas pessoais. Mérito, honra e glória com relação aos efeitos da pregação pertencem apenas a Cristo, pois somente a Palavra produz renovação espiritual.

O poder da Palavra aplicado à pregação

A pregação expositiva apresenta o poder da Palavra

O fato de que o poder para a transformação espiritual baseia-se na Palavra de Deus argumenta em defesa da pregação *expositiva*. A pregação expositiva tenta apresentar e aplicar as verdades de uma passagem bíblica específica.⁴ Outros tipos de pregação que proclamam a verdade bíblica são por certo válidos e valiosos, mas para o pregador principiante e como um sistema de pregação congregacional regular nenhum outro tipo é mais importante.

A exposição bíblica liga o pregador e as pessoas à única fonte de transformação espiritual verdadeira. Considerando que os corações são transformados quando as pessoas se deparam com a Palavra de Deus, os pregadores expositivos ficam comprometidos a dizer o que Deus diz.⁵ Não estamos interessados em

4. Haddon Robinson, *Biblical Preaching: The Delivery of Expository Messages* (Grand Rapids: Baker, 1980), 20. Mais adiante desenvolveremos a definição.

5. Sidney Greidanus, *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 15.